Separata da TRIBUNA DE LAVRAS — Lavras, 24 de agôsto de 1975

ACRÓPOLE — Órgão de divulgação cultural do Museu de Lavras

N.º 5/75 — Editor: Silvio do Amaral Moreira (Bi Moreira) — Tiragem 3.000 exemplares

Cecília Meireles, folclorista

Sob o título supra, publiquei, no 2º Caderno do "Estado de Minas", de 23 de agosto de 1973, o seguinte:

"Silvio (Bi) Moreira, da Comissão Mineira de Folclore e diretor do Museu Regional de Lavras, correspondeu, durante alguns anos, com um cronista carioca que assinava C. Mais tarde descobriu, para sua grande surpresa, que se tratava de Cecília Meireles, cujo interesse pelo folclore está evidenciado nas cartas que lhe escrevia.

Na oportunidade da comemoração de mais um **Dia do Folclore**, julgo interessante divulgar alguma coisa sobre as atividades de Cecília Meireles como folclorista.

Aos que não me conhecem, devo informar que, militando na imprensa — e na imprensa do interior — há cerca de quarenta anos, eu sempre tive de me desdobrar e fazer incursões em setores estranhos ou superiores à minha capacidade intelectual, que era (?) nenhuma... Assim, mandei notícias e artigos para jornais do Rio que, na época, polarizava o interesse dos brasileiros em diversas áreas. Quando, em 1942, na extinta **"A Manhã"** — que marcou um período na imprensa brasileira, quer na apresentação gráfica, quer na publicação de excelentes suplementos, entre os quais se destacavam "Letras e Artes" e "Pensamento da América" — vi uma seção em que o colunista **C.** fazia ampla divulgação do folclore, solicitando a colaboração de pessoas interessadas, comecei a mandar-lhe material que havia recolhido. Em 7 de dezembro daquele ano, recebi uma carta do colunista, a primeira de uma série que terminaria em 21 de março de 1944.

Só em maio de 1943 fiquei sabendo que **C.** era — nada mais, nada menos — que a primeira letra do prenome de um dos maiores vultos da literatura brasileira contemporânea — **Cecília Meireles**.

E como numa de minhas cartas — depois de a haver identificado — eu lhe pedisse desculpas pela remessa de uma ou outra versão, ela, com aquela superioridade de espírito — revelada em sua produção literária, que a alçou a um dos pontos mais destacados da lírica brasileira — respondia-me, em 21 de maio de 1943:

"... **Não se acanhe de me mandar material que lhe pareça, por vezes, um pouco inconveniente. O povo é como Shakespeare — de quando em quando não sabe dar às coisas senão os nomes que elas têm. Um estudioso não se embaraça com esses pequenos detalhes. Nós o que buscamos, o que amamos é a razão íntima da vida, e o que comentamos são as marchas e contra-marchas humanas na busca e no amor dessa mesma razão. Além disso, o Sr. continuará a tratar com o jornalista C. embora sabendo que se trata de uma senhora. E com essa tranquilidade, e a certeza de como o interpreto, tudo será fácil, correto e cordial.**"

Em sua primeira carta (**7 de dezembro de 1942**), ela me dava uma idéia do seu propósito:

"... **Tenho idéia de reunir em livro estas notas, que representam muito anos de buscas e confrontos. Já depois de ir adiantada a minha colaboração neste jornal, foi publicado um livrinho com cantigas brasileiras, da autoria das Sras. Leonor Posada e Marisa Lira. A diferença entre os nossos trabalhos é que essas duas senhoras reuniram algumas cantigas infantis, usadas pelas crianças brasileiras, e eu tencionava (como venho fazendo) mostrar as afinidades entre o nosso folclore infantil — em versões de todos os pontos do país — com o do mundo, especialmente as fontes ibéricas. Além disso, e sempre que possível mostrar a origem arcaica, quase sempre mágica, desses brinquedos a que muita gente não dá importância nenhuma. Todos os povos têm feito estudos assim...**"

Noutra carta, em **2 de fevereiro de 1944**, em que me lisongeava com a sugestão de reunir em livro algum dos temas de que lhe dava notícia, modestamente ela declarava no último parágrafo:

"**Refiro-me, naturalmente, ao verdadeiro folclore, que presume um contato vagaroso com a vida popular, uma aclimatação à intimidades e pormenores — nao isto que eu faço, que considero simples divulgação, para estímulo do leitor.**"

Essa carta levou-me, numa de minhas visitas ao Rio, a telefonar-lhe, a fim de consultá-la sobre a possibilidade de um prefácio para um trabalho que eu preparara. Respondeu-me, gentilmente, que teria o máximo prazer de ler o trabalho, eximindo-se, porém, de prefaciá-lo. Eu não a sabia doente. E até hoje não me perdôo não ter ido visitá-la, para conhecê-la pessoalmente e ligar a sua pessoa física à figura humana tão presente em sua obra.

Por isso, aqui estou tentando homenageá-la, através deste relato. E nada melhor para encerrá-lo do que a transcrição da última carta que me escreveu, em **21 de março de 1944**, e na qual faz a sua profissão de fé folclórica. É uma página de estímulo, que fica muito bem — partindo de quem partiu — numa comemoração do Dia do Folclore:

Rio, 21 de março de 1944

Sr. Amaral Sobrinho: agradeço-lhe a atenciosa carta e felicito-o pelo seu constante interêsse folclórico, lamentando que o tempo seja sempre tão escasso para os que se dedicam a essas coisas.

Eu creio que, neste Brasil imenso, é muito importante a ação dos folcloristas, nas cidades e vilas do interior, pois dentro em breve, nas grandes cidades, o povo "terá vergonha" das suas tradições... Como não há mais avós, não há mais histórias; e... também já não há mais netos...As fadas são menos interessantes que as artistas de cinema, e não há tapete mágico que se compare a um bombardeiro... Eu gostaria que houvesse um acôrdo entre o sonho e a realidade: mas é coisa extremamente difícil de conseguir, porque todas essas conquistas do século nos chegam de modo esmagador, e quando ainda nossas tradições não estavam bem consolidadas no amor do pôvo...

Assim, se a província não pode impedir a secreta paixão da gente pelos grandes centros pode, pelo menos, acautelar o que ainda não está de todo perdido. Isso será guardado no papel, e um dia, quando o povo souber mais do que hoje sabe, gostará dessas coisas, e fará revivê-las, estudando-as e compreendendo-as.

O sr. faz bem emrecolher o que encontra, em fixar o que vê e ouvo.Não pêrca essas oportunidades.

Da minha parte, devido a prováveis modificações no jornal, é possível que não escreva sôbre ésses assuntos--nem sôbre outros--por algum ou por muito tempo.

Estimarei saber que continua a trabalhar nesse sentido, e que êsse trabalho lhe dá proveito e alegria.

Cumprimentos cordiais de Cecília Meireles

ACRÓPOLE

A edição de setembro, fartamente ilustrada, será dedicada à ÁRVORE.

Apresentação

Como os leitores podem imaginar, não é muito fácil fazer esta separata.

Nesta edição, às dificuldades normais vieram juntar-se mais duas: 1) a vastidão do tema: FOLCLORE, GÍRIA e LENDAS LAVRENSES; 2) até segunda-feira, fiquei na expectativa de um patrocinio, que não só me daria os recursos necessários como me pouparia do trabalho de corretagem e da redação dos textos dos anúncios, já que, como se sabe, esses textos obedecem, nornalmente, o tema predominante de cada edição.

Diante disso e diante da limitação das páginas — pois ainda não tenho condições de fazer edições de 12, 16 ou 20 páginas — vi-me forçado a suprimir alguns setores como os dos GRITOS ACADÊMICOS, PREGÕES e das ADIVINHAÇÕES, assim como uma boa relação de termos de giria e algumas crônicas alusivas a esses assuntos.

Desculpando-me junto aos leitores, que tanto me têm prestigiado com a sua apreciação, não posso, mais uma vez, deixar de destacar a compreensão e o prestigio dos patrocinadores, sem mencionar a eficiente colaboração do ilustrador SILVESTRE RONDON CURVO e a boa vontade do pessoal das oficinas da "Tribuna de Lavras", dirigido e orientado por estes dois excelentes profissionais: Edno Tubertini e Áureo Rufini Filho.

O Editor

PENSEI EM REALIZAR, NO DIA 22, UMA FESTA FOLCLÓRICA NA PRAÇA DR. AUGUSTO SILVA, EM CUJAS AVENIDAS MANDARIA DESENHAR A BOTA, A AMARELINHA E ONDE, COM A COLABORAÇÃO DE ALGUMAS PROFESSORAS, ENSINARIA DIVERSOS BRINQUEDOS ÀS CRIANÇAS, LEVANDO-LHES TAMBÉM A MELODIA DE CANTIGAS E BRINQUEDOS. POR UMA SÉRIE DE MOTIVOS, NÃO PUDE REALIZAR O MEU PROPÓSITO, QUE PODERÁ — QUEM SABE? — SER CUMPRIDO NA FESTA DA PRIMAVERA. PENSEM NISSO AS PROFESSORAS.

Dia do Folclore

Através do Decreto n. 56 747, de 17 de agosto de 1965, o Governo Brasileiro, instituiu o DIA DO FOLCLORE, a ser celebrado, anualmente, a **22 de agosto**.

Por que 22 de agosto?

Porque, nesse dia, em 1846, a palavra **folk-lore** foi usada, pela primeira vez, por **William John Thoms**, arqueólogo inglês.

Definições

Leia-se **Arnold von Gennep**, em seu livro **Folklore** (Livraria Progresso Editora, 1950):

"A palavra **folk-lore**, de origem inglesa, compõe-se de dois vocábulos distintos: **folk**, povo, e **lore**, conhecimento, estudo. É pois a ciência que tem por objeto estudar o povo."

Vejamos, agora, uma fonte mais acessível, o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa:

Folclore (folk-lore), s.m. Conjunto das tradições, conhecimentos ou crenças **populares** expressas em provérbios, contos ou canções; conjunto das canções **populares** de uma época ou região; **estudo** e conhecimento das tradições de um **povo**, expressas em suas lendas, crenças, canções e costumes. Sinôn.: **demologia, demopsicologia, populário**.

O fato folclórico e suas características

Completemos a informação com a **"Definição caracterizada na Carta do Folclore Brasileiro, aprovada pelo I Congresso Brasileiro do Folclore em 1951"**:

"Constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular, ou pela imitação, e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação do patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica.

São também reconhecidas como idôneas as observações levadas a efeito sobre a realidade folclórica, sem o fundamento tradicional, bastando que sejam respeitadas as características de fatos de aceitação coletiva, anônimo ou não, essencialmente popular."

Grande em idealismo,
Altaneiro na fé,
Modesto no seu porte,
Modelar em civismo,
Orgulhoso não é:
No Amor tem seu norte!

(Homenagem do Editor)

O «SETE-ORELHAS»

Tive alguma dificuldade na divulgação dessa lenda, não porque me faltassem subsídios, mas pela abundância destes. Tenho à minha disposição no arquivo quase uma dezena de versões, sendo duas dos conterrâneos Gustavo Pena e Ari Florenzano. Há outra, muito conhecida, de Martins de Oliveira e, há poucos dias, na agência de revistas, passei os olhos numa outra, ilustrada, do beletrista tricordiano Benefredo de Sousa.

Há alguns anos, estive na fazenda do Sr. Odilon Fachardo Junqueira, proprietário da Fazenda do Tira-Couro, nome, como se vê, ligado à cena do esfolamento de um irmão de Januário Garcia. Bati uma fotografia do tronco, sem galhos, da árvore que ficou famosa.

Entre as versões, optei por uma, resumida, que, na seção Terra Mineira, a "Folha de Minas" publicou em uma de suas edições de 1944.

Como se pode ver, ali se faz referência à presença de Januário Garcia no antigo arraial dos Campos de Santana das Lavras do Funil. A nota divulga uma troca de bilhetes entre Januário e seu primo Mateus Luís a propósito da tentativa da construção de casas populares no antigo Largo da Matriz. Mateus opôs-se e recebeu um bilhete de Januário, favorável àquela pretensão. O primo respondeu-lhe energicamente e foi por causa de sua decisão, seguida de providências, que se preservou o logradouro que hoje não só justifica o orgulho dos lavrenses como a admiração dos visitantes: a nossa bonita e acolhedora Praça Dr. Augusto Silva.

A 26 de janeiro de 1803 o ministério ultramarino ordenava ao governador da Capitania que providenciasse a prisão do fascínora Januário Garcia Leal, em atenção do que representara a Câmara de Tamanduá, hoje Itapecerica.

Januário Garcia Leal, paulista de nascimento, foi vítima de regime do compadrio e acoutamento de criminosos que reinou em todo o Brasil por séculos de politicagem e nepotismo. Para vingar a morte de um filho (outros dizem irmão), praticada por sete indivíduos protegidos e mandados, jurou que a todos mataria se não fossem justiçados.

De fato, depois de muitos anos, matou, em épocas e lugares diferentes, os sete assassinos do irmão ou filho, regressando ao seio da família com um rosário feito de sete orelhas das suas vítimas. Daí a sua alcunha.

Azevedo Marques nos fala de uma ordem régia mandando o governador informar a representação de Manuel Martins Pereira, da vila de S. José do Rio das Mortes (Tiradentes), na qual se queixava de violências e ameaças de Januário Garcia Leal e seus tios Mateus Garcia e Salvador Garcia, "que se jactavam publicamente de haver cometido quinze mortes e queimado diversas casas na paragem de S. Antônio do Amparo, termo da dita vila do Rio das Mortes".

Mas, voltemos ao fio da história. Depois de jurar vingança aos assassinos do filho, dos quais se havia desinteressado a justiça, Januário tirou rigorosa devassa, durante 12 anos, em que ia matando os que encontrava, ao passo que os outros, à medida que iam sabendo o fim de seus cúmplices, fugiam para o sertão ou os centros mais populosos. Em vão, todavia... "Januário era um mágico — informa um cronista da época. Parece que o demônio se empenhava em sua causa e guiava direitinho aos lugares onde se aninhavam ocultos e amedrontados."

Esse Manuel Martins Pereira, de que nos fala Azevedo Marques, era um dos cúmplices no assassínio do filho de "Sete Orelhas", o que explica o seu angustioso pedido de garantias, inútil aliás, porque Januário e os irmãos o esfolaram vivo em S. João del Rei...

A última vítima da sua sanha vingadora foi encontrada no Rio Grande do Sul, onde a fera a matou, cumprindo o seu dramático juramento.

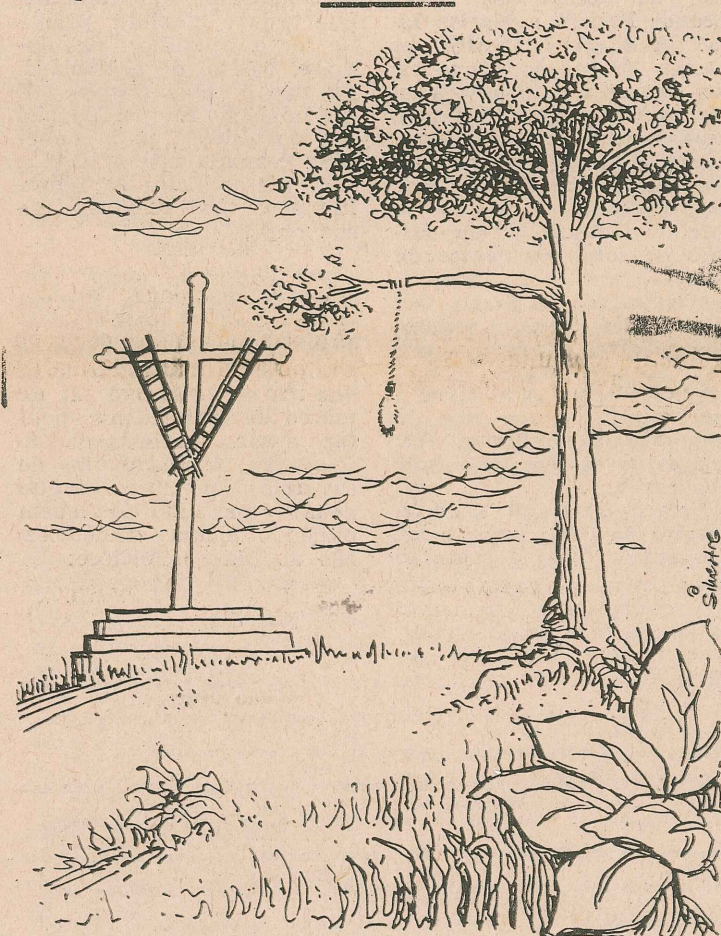
Cumprido este, a hiena humanizou-se finalmente. E fez constar a sua morte para que, esquecido, pudesse voltar ao seio da família. Esta, porém, certa de que ele havia morrido, chegou a fazer inventário e partilha dos seus bens.

Alguns anos depois, com espanto geral, se junta novamente à família, dedica-se honradamente à agricultura e cria filhos que mais tarde se tornam cidadãos úteis e respeitáveis. Informa um cronista coevo que "muitos dos seus descendentes desfrutam invejáveis posições sociais, merecendo a consideração pública e tendo feito jús a receber do governo monárquico comenda e títulos de nobreza"...

Conta-nos **Firmino Costa**, escrevendo sobre o **município de Lavras**, que Januário, quando ali residia, se revoltou certa vez com uma ordem do sargento-mór, seu parente, na qual se determinava a demolição arbitrária de umas casas de gente pobre, pelo que lhe escreveu nestes termos: "Primo amigo e senhor — Constando-me que V. Mc. quer arrasar as casas construídas na praça, vou rogar-lhe que não faça, quando não, — Januário Garcia."

E imediatamente respondeu-lhe o sargento-mór: "Primo amigo e senhor — É verdade que queremos arrasar as casas da praça, por isso vou rogar-lhe que não se intrometa nisso, quando não, — Mateus Luiz."

No dia imediato, escoltado por mais de cem escravos, derribou as casas...

Martim Francisco escreveu o drama — "Januário Garcia ou o Sete Orelhas", de razoável sucesso no tempo em que foi representado.

O ÚLTIMO CARRASCO

No outro dia, Ari Florenzano, o nacionalmente conhecido genealogista e nosso decano historiador, narrou, num dos seus interessantíssimos "História de Lavras em bilhetes" o último enforcamento realizado em Lavras, em 26 de junho de 1839.

Em certo trecho, ele informa, citando um documento:

"... seguindo dahi e depois de percorrer todas as ruas, tomou-se finalmente pela rua Direita a direção do Morro da Forca (assim se chamava antigamente a rua Dr. Melo Viana, cuja forca ficava onde hoje se ergue o Cruzeiro."

Aliás, a propósito do Cruzeiro, vale a pena registrar esta nota de "O Republicano", em 1º de janeiro de 1901:

"De muito tempo existe no alto da cidade, em recinto fechado com grades de ferro, um majestoso Cruzeiro que, a 29 de maio de 1896, caiu derrubado por uma forte tempestade. O Padre Henrique Lacoste, superios dos missionários que aqui estiveram, fez o povo levantar outro Cruzeiro no mesmo logar do primeiro, tendo-se dado solenemente a respectiva bençam em 17 de agosto de 1896."

Este Cruzeiro também caiu e o atual, em concreto, foi inaugurado em 1956, numa solenidade que teve este aspeto curioso: eu, protestante, fui o único orador e, portanto, o orador oficial, revelando o ecumenismo do então Vigário, o Padre Clemente.

Muitos lavrenses nos lembramos de uma árvore que existia ao lado do velho Cruzeiro e ouvimos a informação de que, num dos seus galhos, era atada a corda que servia aos enforcamentos. Aí está ela, num desenho de Silvestre Rondon Curvo.

Bem, o Ari falou a respeito do enforcamento. Eu falarei sobre o "último Carrasco de Minas Gerais", lamentando que o espaço não me permita dar a sua biografia.

Trata-se do nosso conterrâneo Fortunato, que não exerceu a profissão em Lavras e cujas execuções variavam de preço, que era dado de acordo com a raça da vítima, havendo uma cujos descendentes ele executava até de graça...

O SEIXO DA FELICIDADE

(Quando, na manhã de terça-feira, comecei a revisão da matéria desta separata, senti que eu ainda tinha "muito pano para manga" e nesse preciso instante recebi de João Marcos Cicarelli — a maior revelação literária de Lavras, como não canso de repetir — mandou-me a carta abaixo, que representa precioso subsídio para esta edição.)

Mestre Bi,

Há muitos anos, nadando no Capivari, ouvi de um caboclo uma historinha mais ou menos assim:

"Quem quiser ser feliz, deve entrar nesse rio, na noite da passagem de ano, e apanhar uma de suas pedras roladas (seixo) e pedir que as virtudes dela, pedra, lhe sejam transferidas.

"A pequena pedra nunca retem impurezas, está sempre limpa e resplandecente no fundo do rio, tornando-se, a cada dia que passa, mais burilada, mais bonita, mais perfeita, apesar de sempre açoitada pelas águas. E quem estiver de posse dela, assimilará suas virtudes e passará a ter o coração puro e o espírito lapidado, por mais que sofra injustiças e desenganos na vida."

Meu caro amigo, jamais me preocupei em saber se esse folclore é conhecido na região, mas achei a mensagem simpática e significativa, servindo como exemplo de resignação e altruismo.

Numa noite de um 31 de dezembro qualquer, entrei no rio e escolhi uma pedra para mim. Anos depois, busquei outras para amigos que se interessaram pelo amuleto, dentre eles o querido comediante Borges de Barros, que teve a feliz idéia de adaptá-la a um chaveiro. Estou devendo uma ao imortal Menotti Del Picchia, embora eu saiba que o famoso literato já possua todas as virtudes da pedrinha. O grande poeta achou a lenda de uma simplicidade comovedora e quer sua imagem representativa.

Conto-lhe tudo isso, prezado Bi, a **propósito do próximo número de** ACRÓPOLE, publicação que existe graças ao seu denodo.

Por sinal, o MEC, através de o Projeto Minerva, divulga Coisas e Aspectos do Folclore Brasileiro, aos sábados, 13 horas, e pede colaborações. Seria bom se o folclore lavrense fosse mais difundido.

Você vai enviar ao MEC um exemplar do próximo número de ACRÓPOLE, não vai?

Nota do editor — João Marcos Cicarelli convive com muita gente importante em S. Paulo, inclusive com intelectuais. Como se infere do texto de sua carta, priva da intimidade do nosso querido Menotti del Picchia. Aproveito-me da oportunidade para indagar do Cicarelli se ele tem mostrado "Acrópole" para o festejado poeta, uma vez que, em duas ou três edições desta separata tenho usado e abusado da produção do criador de Juca Mulato, As Máscaras, A Angústia de D. João, Os Amores de Dulcinéia e tantos outros poemas que os jovens de há 40 anos sabíamos de cor.

A SANTA

Em sua edição especial de 1º de janeiro de 1901, "O Republicano", cujo proprietário era o Cap. Evaristo Alves de Azevedo e cujo editor era o Sr. José de Mesquita, homenageou o Município de Lavras, narrando-lhe a história, entremeada de fatos curiosos e interessantes.

Há, também, uma nota sob o título acima, vasada nos seguintes termos:

"É esse o nome por que hoje geralmente se conhece o pasto da Agua Limpa, sito neste districto e pertencente ao sr. José Moreira de Alvarenga. Deu causa a chamal-o assim o facto de se ter visto ali, pela primeira vez em 14 de outubro de 1896, uma apparição que similhava uma santa. Dahi para cá tem sido grande o numero de pessoas que, ou por curiosidade ou por devoção, lá tem ido á Agua Limpa ver a Santa. Não poucos affirmam tel-a visto, alguns contam haverem-se-lhes apresentado visões outras que não a Santa, e muitos nada teem conseguido divisar ali. Varios jornaes do Rio e do Estado teem-se occupado do assumpto, e ainda ultimamente o illustrado lavrense sr. Gustavo Penna tracejou para o Diario de Minas, *de Bello-Horizonte, brilhantes artigos sobre o extraordinário caso."*

Nota do editor: José Moreira de Alvarenga era meu pai. Por isso, há mais de meio século, quando era ainda bem criança, acompanhei-o em visitas àquele sítio. Mesmo nessa época ainda eram comentadas as aparições da Santa.

MAIS UMA LENDA QUE SURGE?

As últimas edições da "Tribuna de Lavras" têm publicado uma série de artigos do nosso confrade Alfa Beta, sob o título O Mistério do Túmulo do Padre José Bento.

Há cerca de 15 anos ou, precisamente, desde 7 de agosto de 1960, *segundo o articulista, do túmulo do Vigário José Bento, falecido há muitíssimos anos, brota, em vários pontos, tênue veio dágua, razão por que o liquido é avidamente disputado pelos devotos, que se utilizam de conta-gotas para colher a água que, segundo o testemunho de uma ilustre dama e outros devotos, tem operado milagres.*

Alfa Beta já publicou dois artigos sobre o mistério do túmulo do virtuoso sacerdote, de quem o acervo do Museu guarda a bengala e um bilhete do seu próprio punho, datado de 8 *de janeiro de* 1887.

Uma informação para o Alfa Beta: *Além dessa bengala e desse bilhete, tenho, em meu arquivo, um excelente artigo do Cel. José Resende — que foi o apreciadíssimo cronista Juvenal Iradier — fornecendo dados interessantes sobre o Vigário José Bento, que "nasceu em Três Pontas, muito possivelmente em 1831", tendo falecido "nos últimos dias de 1893".*

OS COIMBRAS DE LAVRAS

Quando o Dr. Carlos Coimbra da Luz — que estudou em Lavras, onde passou a mocidade para depois atingir os mais altos postos da política e da administração, inclusive a Presidência da República — fez uma de suas visitas a esta cidade, um colega do Prof. Roberto Coimbra perguntou-lhe se ele era parente do então deputado. Cofiando o bigode, o Prof. Roberto Coimbra — de quem guardo, no acervo do Museu, copiosos atestados de sua cultura polimorfa — deu-lhe esta resposta:

— Não, não sou; os *Coimbras* de Lavras não têm *luz*...

O PAPAGAIO DO DR. TITO

Em minha seção "Nossa terra e nossa gente", com o pseudônimo de Amaral Sobrinho, publiquei, em "A Gazeta" de 6.2.44, a seguinte crônica:

O Dr. Tito Fulgêncio — grande e conhecido jurisconsulto mineiro que acaba de falecer em Belo Horizonte — exerceu, aí por volta de 1898, o cargo de Juiz de Direito da comarca de Lavras.

Contam-nos os remanescentes daquela época que o Dr. Tito possuía um papagaio muito palrador (que redundância!), de uma assombrosa capacidade de aprensão de palavras. Pois bem, numa determinada Semana Santa, o padre Malaquias, ia proferir, no púlpito colocado defronte da antiga Igreja do Rosário, que ficava ali em cima, no fim da Praça da Bandeira, o Padre Malaquias ia proferir o Sermão do Encontro. O "louro" estava presente na casa do Dr. Tito, que residia onde hoje mora o Sr. José Francisco de Carvalho (atual Edifício Santa Mônica). O sacerdote começou o sermão mas não pôde prosseguí-lo porque a cada palavra sua respondia um **eco** vibrante: era o papagaio do magistrado que repetia as palavras do pregador. Como era natural, o povo dirigiu o seu olhar para o **alto-falante** e foi uma luta para se apanhar a ave, que, perseguida, subiu ao telhado, indiferente ao ato de sacrilégio que estava praticando...

Aí fica o fato para a consideração dos que pretendem estudar a vida do grande mestre de Direito, cujo extraordinário papagaio, se ainda fosse vivo, poderia perfeitamente substituir o seu dono na cátedra da Faculdade, quando este, por qualquer motivo, não pudesse comparecer... Com a sua prodigiosa **memória**, o "louro" poderia reproduzir, fielmente, a lição que recebesse do insigne e eminente mestre.

ROMÃO FAGUNDES

Perdões é uma florescente cidade a 23 Km de Lavras, a cujo município pertencia.

Diz a lenda, encontradiça em outras regiões do país, que seu fundador, ROMÃO FAGUNDES, ali aparecera, foragido, dedicando-se à mineração.

Refugiado numa gruta em Retiro dos Pimentas, fizera um voto: o de que, obtendo o indulto, construiria uma capela em **Nosso Senhor Bom Jesus dos Perdões** e mandaria ao Rei, com o produto do seu trabalho, um cacho de bananas em ouro maciço. Segundo se diz, sua mineração era importante, a ponto de mandar construir, nos morros da região, um rego para conduzir a água do Retiro até o então arraial, rego do qual ainda existem vestígios, que demonstram não só o arrojo como os conhecimentos que Romão tinha da lei da gravidade.

Na Prefeitura de Perdões existe uma cadeira que lhe pentencera e que o Samuel Alvarenga, quando Prefeito de Perdões, conseguiu reter em Ribeirão Vermelho, vendida que fora a um antiquário. E, no Museu de Lavras, existem, trazidas do refúgio de Romão, uma alavanca, uma enxada e um punhal que lhe pertenceram.

Romão Fagundes cumpriu as duas promessas: cortando uma grande árvore, cujo tronco mandou atrelar a uma parelha de bois, disse que, onde os animais parassem, ali edificaria uma capela, que existia no lugar onde hoje se ergue a Matriz de Perdões, a qual, mesmo mutilada e adulterada com alguns basculantes de ferro, mostra a sua origem barroca.

Silvestre Rondon Curvo, o ilustrador oficial desta separata, interpretou a lenda e Luís Duque da Rocha — o inesquecível Dr. Duque, não só grande tribuno como inspirado poeta, de quem guardo valiosíssimas páginas — escreveu este soneto:

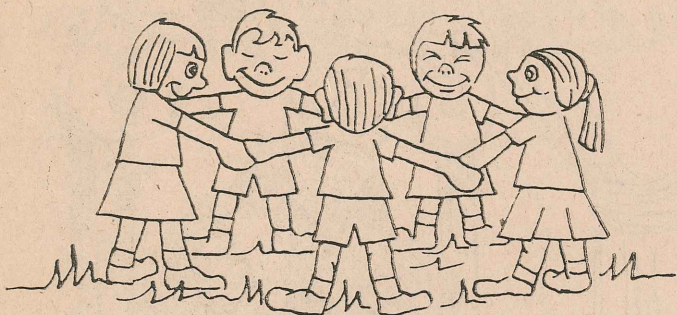
À SOMBRA DE ROMÃO FAGUNDES

Se é verdadeira a lenda... Foragido
Um réu de pena máxima asilou-se
Aqui, sozinho... Mas consigo trouxe
A fé em ser um dia redimido.

Enriqueceu. E após haver cumprido
A promessa de um templo erguer, mal fosse
Obtido o seu perdão, reabilitou-se
E ao Rei frutos mandou, de oiro fundido.

— Inda hoje à gruta em que viveste, vamos,
Romão, em romaria, que é um penhor
Da simpatia que tu nos infundes...

Fundador! O teu nome entrelaçamos
Ao nome desta terra e ao do Senhor:
Bom Jesus dos Perdões — Romão Fagundes...

Quem vai ao vento perde o assento;
quem vai ao ar perde o lugar.

Aqui está um dos muitos desenhos feitos por SILVESTRE RONDON CURVO, em 1959, para ilustrar um programa da Rua do Recreio.

Folclore de Lavras

Sob o título acima, Cecília Meireles publicou, em duas edições seguidas de "A Manhã", em março de 1943, dois artigos e fazendo a seguinte introdução no primeiro deles:

"Desde que, precisamente há um ano, iniciamos, em seção deste jornal, o estudo do nosso folclore infantil, temos merecido de muitos leitores, dos mais diversos pontos do país, a gentileza de comunicações, que têm servido para confronto e interpretação da matéria estudada.

"Um desses leitores, o Sr. Amaral Sobrinho, de Lavras, tanto interesse tomou pelo assunto que, com rara generosidade, nos ofereceu tudo quando pôde recolher naquela região mineira.

"A contribuição recebida inclui parlendas, cantigas de roda, brinquedos, gritos acadêmicos, cantigas de ninar, — exemplares novos ou versões locais de temas já tratados anteriormente na respectiva seção deste jornal.

"Não seria possível tornar a estudar separado, e comparativamente, o material recebido; mas seria igualmente impossível deixar de publicá-lo, num momento em que o estímulo aos estudos de folclore parece começar a aumentar entre nós."

Depois desta introdução, passou à divulgação que lhe mandei procurando classificá-la, comentando algumas delas.

No meu caso, vou-me limitar a divulgar o material e a indicar a data em que cada grupo foi mandado.

Assim, em **17 de dezembro de 1942**, respondendo uma carta de 7 do mesmo mês, encaminhei a Cecília Meireles a seguinte relação de cantigas de roda, parlendas, etc.:

TERESINHA DE JESUS
deu a queda e foi ao chão,
acudiram três cavaleiros,
todos três com chapéu na mão.

O primeiro foi teu pai,
o segundo teu irmão,
o terceiro foi aquele,
aquele que me deu a mão.

Quanta laranja madura,
tanta lima pelo chão,
tanto sangue derramado
dentro do meu coração.

Dentro do meu coração
tem um canivetinho dourado
para partir o pão de ló
no dia do meu noivado.

No dia do meu noivado
terá doce com fartura
pra comer no outro dia
com minha sogra futura.

Da laranja quero um gomo,
da maçã quero um pedaço,
do teu rosto quero um beijo,
do teu corpo um abraço.

SENHORA DONA SANCHA
coberta de ouro e prata,
descubra o vosso rosto,
queremos ver a cara.

Que anjos são estes
que andam por aqui,
de dia e de noite
à roda de mim?

Somos filhos de rei,
netos de conde,
mandaram esconder,
lá embaixo de uma pedra.

SOU VIUVINHA QUE VIM DE BELÉM
quero casar mas não acho com [quem.
— Ora, diga senhora viúva
com quem se quer se casar,
se é com o filho do conde
ou se é com o "seu" general.
— Não é com nenhum desses dois,
porque não são para mim.
Eu sou uma triste viúva,
triste e coitada de mim.
Com este sim,
com este não,
com este sim
que é do meu coração.

— SENHOR MEU COMPADRE!
— Senhor meu amo!
— Quantos carros de milho colheu [no ano?
— Vinte e um queimado.
— Quem queimou?
— Joãozinho do Carmo.
— Quer que o prenda?
— Prenda já!
ou assim:

— Quem queimou?
— Joãozinho do Campo.
— Quer que o prenda?
— Só se for já!

CORRE, COTIA
de noite e de dia,
comendo melado
na casa da tia.

— CABRA CEGA DE ONDE VEM?
— De trás da serra.
— Que trouxe pra mim?
— Pedacinho de canela.
— Me dá um pedacinho?
— Não chega pra o meu ve- [lho.
— Então vá às favas!

OLHA A COBRA CANINANA,
São Bento é.
Olha a cobra caninana,
São Bento é.

— TEM UM TACHO VELHO PARA ME EMPRESTAR?
— Ih! Tá tudo furado!
(Tem isso? Tem aquilo?)
— Tem uma corda pra me [emprestar?
— Tá tudo estragada!
— Vamos experimentar?

(A corda arrebenta e todos caem. O chefe do brinquedo começa a levantar um por um e vai dizendo: Este vai pro céu, este vai pro inferno.)

REMA, REMA CEBOLINHA
a caveira é-vem!
Rema, rema cebolinha
a caveira é-vem!

ESTÁ NA IDADE
DE SE CASAR
O(a) fulano(a), o fulano
está na idade, está na idade
de se casar,
está na idade, está na idade
de se casar!

O CASTELO PEGOU FOGO
São Francisco deu sinal,
acode, acode, acode
a Bandeira Nacional.

DOLEMÁ
— Eu sou rica, toda rica,
é de mani-mani-maná,
dolemá, dolemá,
faça o favor de chegar pra cá.
— Eu sou pobre, toda pobre,
é de mani-mani-maná,
dolemá-dolemá
faça o favor de chegar pra cá.
— Quero uma de vossas filhas,
é de mani-mani-maná, etc.
— Qual delas que você quer,
é de mani-mani-maná, etc.
— Eu quero a fulana
é de mani, etc.
— Que ofício dar a ela (ou ele, pois os meninos também brincavam)
é de mani, etc.
— Dou o ofício de cozinheira...
— Este ofício não me agrada.
— Dou o ofício de costureira.
— Este ofício me agrada,
é de mani-mani-maná,
dolemá-dolemá
faça o favor de chegar pra cá.
(Quando o ofício não agrada, a pobre indica outro, que agrade a rica. Neste caso, esta entrega a menina ou menino à pobre. Recomeça então o brinquedo.)
— Eu sou rica, toda rica
— Eu sou pobre, toda pobre.
(Depois que a rica entrega a última filha ou filho, a letra se modifica)
— Eu de rica fiquei pobre,
é de mani, etc.
— Eu de pobre fiquei rica
é de mani, etc.

SE ESSA RUA, SE ESSA RUA
FOSSE MINHA,
eu mandava, eu mandava ladrilhar
com pedrinhas, com pedrinhas de [brilhante
para o meu, para o meu amor (ou [bem) passar.

JOÃO CORTA PAU,
Maria mexe o angu,
Teresa põe a mesa
para o festa do tatu.

PAPAI DÁ PAPINHA
mamãe dá maminha,
vovó dá cipó
na bundinha do netinho(a).

DESCE PAVÃO
lá de cima do telhado
para o filhinho adormecer,
para o filhinho adormecer.

JELOFRI
— Onde foste passear?
Jelofri ou jelofrá.
— No Jardim Municipal,
Jelofri ou jelofrá.
— Se encontrasses com a princesa?
— Eu tirava o meu chapéu,
— Se a polícia te encontrasse?
— Eu fazia continência,
— Se o diabo te encontrasse?
— O diabo tem dois chifres,
Jelofri ou jelofrá.
(Todas as perguntas e respostas são seguidas do refrão)

— VAMOS PASSEAR NO BOSQUE
enquanto "Seu" lobo não vem.
— "Seu" lobo está aí?
— Está.
— Que está fazendo?
— Está tomando banho.
Vamos passear no bosque
enquanto "seu" lobo não vem.
— "Seu" lobo está aí?
— Está.
— Que está fazendo?
— Está se enxugando.
Vamos passear no bosque, etc.
(As perguntas se repetem até que "seu" lobo fique pronto. Termina, então, a brincadeira com a correria das crianças.)

CHICHICO DISSE QUE DE
MIM NÃO GOSTA
carne seca com farinha,
pensei que Chichico era
ladrão de minhas galinhas.
Chichico é meu,
será ou não,
bebendo água no caldeirão.
Chichico é meu!

VEM CÁ BITU,
vem cá bitu,
Seu pai, sua mãe morreu.
Não vou lá,
não vou lá,
não vou lá,
tenho medo de apanhar.

FUI NO CAMPO DE TORORÓ
beber água e não achei.
Achei foi a fulana
que no Tororó deixei...

Oh! Oh! Oh!
Você está na roda,
dançará sozinha.
— Sozinha eu não danço
e nem devo dançar
pois tenho fulano
pra ser meu par.

EU QUERO, MINHA MÃE,
EU QUERO,
eu quero me casar.
— Ó filha, dirás com quem?
— Eu quero casar com o sapateiro.
— Ele bate a sola e a ti também,
ele bate a sola e a ti também.

HOJE É DOMINGO, PÉ-DE-CACHIMBO,
areia fina deu no sino,
sino valente deu no tenente,
tenente caolho furou seu olho.
— Quem é capaz de me pegar?
ou
Hoje é sábado, pé-de-galo,
amanhã é domingo, pé-de-cachimbo,
galo monteiro pisou na areia,
areia fina bateu no sino,
sino de ouro deu no vigário,
vigário valente deu em toda gente.
— Quem é capaz de me pegar?

ÚMA, DUAS ANGOLINHAS (ou argolinhas),
finca o pé na pampolinha,
o rapaz que o jogo faz,
faz o jogo do gamão,
corre, corre, cavalinho,
vá à casa do "seu" Joãozinho,
diga a ele que recolha o seu pezinho
que lá vai um beliscão.
ou
Espera lá "seu" Manelão
que lá vai um be-lis-cão.

MEU MARIDINHO ME DÁ UM PALETÓ
aquele que tu me deu é re- [mendo só.
— Vou beber, vou me em- [briagar,
vou deitar na linha pro [bonde me matar.
Meu maridinho me dá uma [meia
aquela que tu me deu está [muito feia.
— Vou beber, vou me em- [briagar, etc.

(Nos meus tempos de menino ouvi isto da boca de uma cozinheira. Como aqui temos uma linha de bondes, não sei se esta cantiga é local ou não.)

EM MINHA CARTA DE 19.1.43, MANDEI O SEGUINTE MATERIAL

Cantigas de Roda e Canções de Berço

O CRAVO BRIGOU COM A [ROSA
Debaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido
E a rosa despedaçada.
O cravo caiu de cama
A rosa foi visitar
O cravo caiu desmaiado
A rosa pôs-se a chorar.

OLHA AQUELA MENINA
Como vem tão longe
Olha a nossa terra
Mangeron tão bom.

Eu ando por aqui
Assim, assim
À procura de uma agulha
Que eu aqui perdi.

Fala com teu pai
Fala com tua mãe
Que uma agulha que se perde
Não se acha mais.

PESCADINHA, PESCADINHA
Do verde fundo do mar
Pescadinha, pescadinha
Venhas comigo falar.

Sou solteira, solteirinha
E pretendo me casar
Vou pedir a vossa mão
Se a senhora me quer dar.
(Se ela aceita, responde:)
Tome lá esta minha mão
Esta minha mão de prata
Pelo nó que vamos dar
Só por morte se desata
(Se não aceita)
Tome lá este caneco
Vá regar a tua horta
Minha mão eu não te dou
Vá bater em outra porta.

O MEU BOI MORREU
Que será de mim
Manda buscar outro, Fulano
Lá no Piauí

MENINO OU MENINA
Cabelo de S. João
Se tu queres casar comigo
Me tire dessa prisão.

BACIA DE PRATA
Areada com sabão
Lá vai este menino
Vestir o seu roupão
Roupão de veludo
Camisinha de filó
Tudo isso feito
Por mãozinha de vovó.

SERRA, SERRA, SERRADOR
Serra o papo do vovô
Serra, Serra, serrador
Deixa o caboquinho falá
Caboquinho não tem juízo
Tem juízo de gam-bá.

LACO LACO LACOTU
Lá detrás do murundu
Cachinho de banana
Cestinha de biju.

EU JÁ FIZ TENÇÃO
E ainda não comprei
Um lencinho azul
Para ter na mão
Vai de roda em roda
Vai de flor em flor
Vai de abraço em abraço
Vai de nosso amor.

A RODA DAS FLORES
Tem flor de toda cor
Tem perpétua. tem saudade
Maravilha e Mon-senhor.

DESCE PAVÃO
Lá de cima do telhado
Para o .... dormir sos-[segado.
A B C
Não sei o que hei de fazer
Para o .... adormecer.

ATIREI UM PAU NO GA-TEO-TÓ
Mas o ga-teo-tó não morreu, [reu, reu
Sã Chica-cá admirou-se, se, [se
Do pulo, do pulô (ou do [berrô)
Que o gato deu, deu, deu.

EU VI UMA BARATINHA
No capote do vovô
Assim que ela me viu
Bateu asas e voou.

BANGO BALANGO
Senhor capitão
Espada na cinta
Sinete na mão.

PIQUE
Pique será
De mi c — o có
Laranja da China
Tabaco em pó
Uma velha comprida
De uma perna só
Chupando cana
Com um dente só
Caiu da cama
Quebrou o urinó.
Você tem uma bonequinha?
Tenho.
Quantos anos ela tem?
5 **(Pode ser qualquer nº)**
1 2 3 4 5

Un, deux, trois
Marri bombom de chocolá

A pombinha foi no mato
Quantas penas ela trouxe?
Ela trouxe vinte e quatro.
1 2 3 4

Eu tenho um cachorrinho
Que se chama Totó
Ele é pintadinho
De uma banda só.

Canivetinho
De pintainho
Foi a barra
De vinte e cinco
Minguou, minguou
Tec-tiforra.

Unoni, delapápolitana
Um vapor que passou pela [Espana
Vende-quá?
La não vou
Unoni.

Tic tac carambola
Este dentro, este fora

Pau, porrete
Bengala, cacete.

Lá em cima do piano
Tem um copo de veneno
Quem beber morrerá.

Fui no botequim tomar café
encontrei um cachorrinho
De rabinho em pé
Pum-pum-pum
Vão ver quem cai
No vinte e um.

OUTROS BRINQUEDOS

Pular corda
(Usa-se aqui este diálogo entre a menina que está pulando e a que toca a corda)
— Ai, Ai! — Que tem? —
Saudade. — De quem? —
Meu bem. — Quem é? —
Fulano ou fulana.

BATER BOLA
(A menina joga a bola à parede. Quando a bola está a caminho ela deve dizer sem errar a batida estas palavras:)
Ordem
Seu lugar
Sem rir
Sem falar
Um dos pés
Ao outro
Uma das mãos
À outra
Bate palma
Pirueta
Trás pra frente
Mãos aos quadros
Coração
Beijos.

SEU PAI FOI À CAÇA?
Foi.
Matou veado?
Matou.
Teve medo?
Não.
Pum! **(A este grito e a um gesto brusco do interlocutor, a criança que está respondendo não pode piscar, mostrando assim, que, de fato, o seu pai não teve medo).**

EIS O MATERIAL QUE MANDEI EM 21.34

À beira do fogo, nas festas de S. João, as crianças brincam:
Fumaça pra lá
S. Bento (ou Santinho) prá [cá.

Benedito bacuráu
Está no oco do pau.

Carneirinho, carneirão
Olhai pro céu, olhai pro [chão.

Fui andando prum caminho
Encontrei uma coruja
Pisei no rabo dela
Me chamou de cara suja.

Pepino maduro que dá se-[mente
Moça bonita
Que mata a gente.

Chegadinho pra cá
Chegadinho pra lá
.... é moça
Já quer casar.

Papai foi na horta
Panhar jequirí
Mamãe abre os olhos
Papai quer fugir.

Laranjeira pequenina
Carregada de botão (ou flor)
Eu também sou pequenina
Carregada de paixão (ou [amor)

— Boca de forno.
— Fo-orno!
— Se seu mestre mandar?
— Mande já.
— Cada um, cada um vai [ali e trás...

Sentadinha num pilão
Todo mundo que passava
Me pedia o coração.

Ai, Filomena
Se eu fosse como tú
Tirava a urucubaca
Da cabeça do urubú
Faria da Faustina
Marmelada de cajú.

Peneirinha de coar
Fu-bá.

Cigarrinho de papel, pel, pel
Fumo verde, dí
Não dá fumaça, çá
Onde tem moça bonita
Mulher velha, mulher velha
Não tem graça, çá.

— Surubí
— Se morrer
— Pago o preço
— Que valer. **(Uma criança, com um sabugo ou um pauzinho ardendo em brasa, entrega-o a um da roda. Aquele em cuja mão apagar o fogo pagará a prenda).**

Tatú foi na cozinha
Comer fubá
Comeu ou não comeu
Je ne sais pas.

Lá no alto do morro
Não mora ninguém
Mora Maria Velha
Já morreu também.

Quem matou carneiro
Lá em beira-mar
Vamos lá na cozinha
Caldeirão tá lá

Eu fui passar na ponte
A ponte estremeceu
A água tem veneno,
Quem beber morreu.

Mamãezinha quero doce
Quero mesmo
Se não me deres
Desarranjo a escrivaninha
E jogo os papéis plu chão
Vou à cozinha
Sujo a roupa no fogão.

Joguei meu chapéu pra cima
Para ver onde caia
Caiu no colo da velha
Cruz, Credo, Ave-Maria.
e
Caiu no colo da moça
Isto mesmo é que eu queria.

De manhã bem cedo
Um café bem quente
Uma chinela bem dura
Na bunda da gente.

Meu vestido é curto
Minha perna é grossa
Minha mãe não gosta
Que eu ande na troça.

O meu boi morreu
Que será da vaca?
Pinga com limão
Cura urucubaca.

Eu tenho um cachorrinho
Acho nele muita graça
Quando quero ver as moças
Digo à mãe: vou à caça.

Os escravos de Jó
Jogavam o caxangá
Tira
Deixa
Zé Pereira que vá
Guerreiros, com guerreiros
Zig, zig, zig, zá.

Lua, luar
Pega esta criança
Ajuda-me a criar.
Aqui é muito bom
Na barra ainda é melhor
Aqui é prata fina
Na barra é ouro em pó.

Papagaio louro
Do biquinho dourado
Leva esta carta
Pro meu namorado.

Um, dois, três, quatro
Quantas pernas tem o gato
Acabando de nascer
Um, dois, três, quatro.

Uma pulga na balança
Deu um pulo e foi à França
Na barriga da criança.

Num jardim com tantas [flores
Não sei qual escolherei
Aquela que for mais bela
Com ela me abraçarei.

Mamãezinha, ontem no baile
Um mocinho me falou
Coisinhas tão bonitas
Que o meu coração ficou...
— Minha filha, deixe disso
Tire isto do pensar
Se seu pai souber disso
Muito você vai apanhar.
— Papai não pode zangar
Porque ele também amou
Mamãezinha com dez anos
Com dez anos se casou
— Com dez anos me casei
Muito tenho arrependido
Pois eu não me arrependo
Coisa boa é um marido.

Quando eu era pequenino
Minha mãe me dava leite.
Agora que sou grande
Minha mãe me dá porrete.

Trá-lá-lá parece pêta
Trá-lá-lá não pode ser
Trá-lá-lá mas é verdade
Trá-lá-lá posso dizer

Vou contar-vos uma coisa
De que não duvidareis
Meu gatinho pegou ontem
Dois ratinhos de uma vez.

Com outra música, coletei esta:
Trá-lá-lá que vida a minha
Trá-lá-lá isto é folgar
Sou dos campos a rainha
Só me sei fazer amar.

Eu vou mandar caiar
Eu vou mandar caiar
Uma casinha branca, more-[na,
Pra nós dois morar.
Eu vou mandar caiar, etc.
(Como o "Tatú foi na cozinha" esta letra é cantada pelas crianças, especialmente nos bailes de carnaval, formando cordão)

(Conclui na pág. 6)

(Conclusão)

Meu galo preto
Meu galo preto
Meu galo preto
Brigou com o carijó
Meu galo preto (Isto é muito usado pela torcida. A letra é a mesma e sempre a mesma música.

É parecida com esta:

Eu vi um sapo
na beirada do rio,
de camisa verde,
a tremer de frio!
A mulher do sapo
foi que me contou
que o marido dela
é professor.
Segunda parte...
Eu vi um sapo
na beirada do rio,
Terceira parte
Eu vi um sapo, e assim por diante.

Vozes do trem

Coletei mais estas:

Fui na serra, tou cansado
Fui na serra, tou cansado

Bota fogo, maquinista
Na cabeça do foguista

Vozes do sino

Em alguns lugares o sino fala assim:
"Seu" Bispo já vem.

Aqui em Lavras, os sinos falavam:

"Seu" Candinho quando tem
Não nega a ninguém.

A voz atual:

Tilau sem rabo
Tilau sem rabo
Amanhã tem pão
De dois vintens
Amanhã tem pão
De dois vintens.

Quando dois sinos tocam a finados, o "tenor" diz:

Lá foi
Lá foi e o "baixo" responde:
Um!
ou, então:
Lá vai
Lá vai

Encontrei com uma Senhora
Na beira do rio
Lavando os paninhos
Do seu bento Filho

Ela lavava
S. José estendia
O menino chorava
Do frio que havia

Calai meu menino
Calai meu amor
Da faca que corta
De um talho sem dor

E o Anjo da Guarda
Mandou-me dizer
Que eu fosse resando
Bendito sejais.

Cai, sereno, cai
Na folha da mandioquinha
Semeei água de cheiro
No balão da moreninha.

Dorme, filhinha
Papai ainda não vem
Papai foi comprar
Panelinha de vintem.

Mata meu carneiro, "seu" [Sabino
Dá pra quem quiser, "seu" [Sabino
Depois dele morto, "seu" Sa-[bino
Quero êle em pé.

Deitei-me na cama
Pus a imaginar
Que sorte terei
Para Deus me salvar

Cai, sereno, cai flor
O vento deu na rosa
Balanceou!

Aninha, Aninha
Arrumai a sua trouxinha
Para ensinar o caminho
A êste pobre cego.

— Valei-me Nossa Senhora [e a Virgem Maria
Que eu nunca vi um po-[bre cego
Com tamanha cavalaria

— Se tú nunca viste
Pois fiques vendo agora
Pois eu não sou um po-[bre cego
Eu sou o rei da glória.

(Creio que isto faça parte de uma história. Creio, não, sei. Registro esta letra, pensando na melodia, que arranca lágrimas às crianças. O mesmo se dá com os versos seguintes).

Iria, Iria
Minha santa Iria
Ao passar na ponte
Serás degolada.
— Eu campo de flores serei [enterrada
Iria, Iria
Minha santa Iria
Me perdoai
Pelo amor de Deus.
— Eu te perdôo
Se vestires de branco
Com a faixa azul
Da cor do céu.

Algumas Peças

José Lúcio do Carmo era uma figura popular que já se incorporara ao nosso folclórico político com aquela cena em que, numa noite chuvosa, ele, borracho, jazia numa sarjeta, por onde corria forte enxurrada. Ia passando o João Tenebra, um adversário p o l i t i c o, pois sendo este um gavião de papo amarelo, o José Lúcio era um **r o l i n h a** apaixonado. Quando o samaritano amparou-o no braço e ele pôde ver-lhe as feições, jogou-se novamente ao chão e, recusando a ajuda, gritou: **"Rolinha, rolinha, sempre rolinha, rolinha até morrer!"**

José Lúcio foi também o criador deste diálogo conhecido nesta cidade e que tinha u m sabor diferente quando reconstituído p e l o saudoso amigo Aurélio Fontes:

— Gostas de galinha?
— Algumas peças.
— Quais são elas!
— O engradado, a sambiquira, as duas coxinhas, as contra-coxas, as asas, o peito, o jogo, bicos para assobio, unhas para colar, o miolo das tripas para esterco.
— E as penas?
— Para fazer peteca.

E ainda esta resposta a quem lhe perguntasse se havia comido um galo que recebera de presente:

— Sim, o bicho deu uma madeirama bruta: ripas, caibros, engradamentos e ainda sobraram uns cavacos para o jantar...

Receita de felicidade

Houve em Lavras um juiz cuja retidão era uma legenda: Dr. Sabino de Almeida Lustosa.

Por ser solteirão e muito religioso, alguns o elevavam até à condição de santo.

Maneiroso nos gestos e dócil no falar, era, realmente, uma figura humana singular.

Esse amontoado de virtudes não o impedia, porém, de perpetrar os seus trocadilhos. Lembro-me de um deles. Quando fiquei noivo, mandei-lhe a participação. Como minha noiva era da família Godinho, o Dr. Sabino comentou com os amigos: Então vamos ter muito breve o casal Bi Godinho...

Nas suas visitas às vilas e distritos, onde sua presença era motivo de muita honra e alegria, gostava de ouvir os jurisdicionados. Entre estes havia um coronel de poucas letras, mas muito falante e que, solicitado, deu ao velho Juiz a seguinte receita de felicidade:

— Senhor Doutor, o homem para ser feliz precisa de três coisas: nascer burro, viver na "inguinorância" e morrer de repente!

Cortês, como sempre, o magistrado aprovou a receita, mas deve ter confiado aos seus botões: vou rezar para o meu amigo morrer de repente, pois vejo que já atingiu os dois primeiros estágios da felicidade...

Três Besteiras

Esta não é de Lavras, mas foi recolhida pela conterrânea e prima Gena, no Rio Grande do Norte, onde se vem destacando na administração e na literatura e, dentro desta, tem feito incursões no folclore, conforme farto material que acaba de me enviar.

Alguns garotos acercam-se do Sr. José de Tal, a quem fazem uma solicitação:

— Seu Zé, diga três besteiras para nós.
— Tá um pouco defícel.
— Uma!
— Eu terei dizido *alguma?*
— Duas!
— Vocês são uns cões.
— Três!

Lugar de bicudo é na gaiola

O popular Tatá (— O Tatá tá? — Não, o Tatá num tá, mas a mulher do Tatá tá, é o mesmo que o Tatá tá!), o

"Otávio José Nogueira
Carroceiro da prontidão,
Que serve o povo de Lavras
E o Oitavo Batalhão"

como ele mesmo se anunciava numa série de trovas que me deu, quando lhe dediquei uma crônica, o Tatá, há alguns anos, resolveu construir um rancho para uns bailes populares, mas muito decentes.

Desconfiando que alguns frequentadores pudessem confundir o seu salão de danças com uma gafieira e que alguns pudessem comparecer já meio bicudotes e aquecidos, não pensou dois instantes e meteu uma tabuleta com estes dizeres:

Lugar de bicudo é na gaiola!

Êi!

Êi!...

Eis aí o vocabulozinho minúsculo com que a mocidade lavrense se cumprimenta.

Aí está, em toda a sua extensão silábica, a palavrinha que se ouve a cada instante.

Não é outra a expressão gozada que os rapazes e as moças desta Lavras querida pronunciam quando se encontram.

Não é tudo. Até os próprios namorados, quando se encontram, substituem o cumprimento respeitoso de quem se gosta por este vocábulo ideal, que o nosso povo inventou.

Êi!

É este o cumprimento, genuinamente lavrense, e que nos dá um certo ar de originalidade...

Êi!

Que palavrinha pequena! Que silabazinha expressiva!

Que significa "êi"? Uma porção de coisas: bom dia, boa tarde, como vai e toda essa série de palavras que a gente diz no encontro com conhecidos e amigos.

Os forasteiros acham-na engraçada e por isso mesmo original.

Para que esse ar de seriedade, quando se cumprimenta um rapaz ou uma moça?

Para que esse "bom dia" ou essa "boa tarde", dos quais sempre se engole o adjetivo?

Pura tolice.

Êi!

Vejam só quanta coisa vai nesse êi: um "bom dia", uma "boa tarde" ou "boa noite". Um "como vai passando?", todos os protocolos de cumprimento, enfim, inclusive o aperto de mão...

Êi!, por fim, dá à mocidade lavrense certa originalidade.

Êi!...

Meu caro leitor ou minha distinta leitora: aí vai esse êi para você. Nele eu incluo, além de meu "bom domingo" e dos meus votos de boa saúde, as minhas desculpas por lhe haver tomado tanto tempo, fazendo-o (a) ler (se é que você me concede essa honra) a definição que tentei fazer deste adorável, original e expressivo vocábulo:

Êi!

E.T. — Publiquei esta crônica, sob o pseudônimo de Menino-Velho, em "A Gazeta" de 5.XI.33. Antes disso, ou seja, em agosto de 1924, um grupo de intelectuais lavrenses (Emanuel Deslandes, Tércio Teixeira, Isaias Cavalcanti e Valdomiro N. Padilha) lançou o primeiro número da Revista Ilustrada "Êi!", dedicada à literatura, arte, humorismo, *esporte, etc. Essa revista, de grande significação cultural para a época, circulou durante quatro meses seguidos, ou seja, de agosto a novembro de 1924.*

O Cel. José Resende, o polígrafo que me honrou com sua amizade, mandou-me, certa vez — dentro do que escreveu Cecília Meireles: *"... o povo é como Shakespeare — de quando em quando não sabe dar às coisas senão os nomes que elas têm"* — a seguinte definição para as TRÊS COISAS MAIS FRIAS: Badalo de sino, focinho de cachorro e bunda de mulher gorda.

O ABC ou a taboada do "Seu" Antonio do Clube

Há uns bons 40 anos, quem visitasse o Clube de Lavras e não ficasse conhecendo o Sr. Antônio de Sousa Menezes ou, simplesmente, o "Seu" Menezes ou, ainda, o Dr. Antônio Galinha, ficaria conhecendo muito pouca coisa sobre a história daquela sociedade.

Era o porteiro. Porteiro empertigado na farda com que superava a frustração de não ter sido chefe de trem, cargo que um graúdo lhe prometera, era cheio de nove-horas. Era o homem dos rodeios e das filigranas. Qualquer casinho contado por ele, que era um homem simpático, ganhava um colorido diferente.

Florear as coisas era o seu fraco. Exemplos? Lá vai um, para amostra: no Salão Cristal, devido à coincidência de as iniciais dos nomes dos três "fígaros" que ali trabalhavam formarem o "abc", "Seu" Menezes cumprimentava o Armando, o Barbosa e o Camilo deste modo originalíssimo:

Letra A
"Seu" Armando, "Seu" Barbosa, "Seu" Camilo
" Barbosa, " Camilo, " Armando
" Camilo, " Armando, " Barbosa.

Passemos à letra B
"Seu" Barbosa, "Seu" Camilo, "Seu" Armando
" Camilo, " Armando, " Barbosa
" Armando, " Barbosa, " Camilo.

Passemos à letra C
"Seu" Camilo, "Seu" Armando, "Seu" Barbosa
" Armando, " Barbosa, " Camilo
" Barbosa, " Camilo, " Armando.

E somente depois de "conjugar", com as devidas repetições das letras, esta complicadissima e chatissima "taboada antonina" é que dizia: Senhores, muito bons dias...

(Trecho de uma crônica que publiquei em "A Gazeta", de 23.12.34.)

A güinla — gíria ou folclore?

SÍLVIO DO AMARAL MOREIRA (Da Comissão Mineira de Folclore)

Num prédio que existiu ali onde se ergue, hoje, a capela do Colégio N. S. de Lourdes, funcionava, na primeira década deste século (1908 é uma data de referência), a alfaiataria do Sr. Fontes.

Nessa alfaiataria nasceu, segundo o testemunho de vários lavrenses, a chamada "linguagem dos alfaiates, a nossa *güinla*, maneira original de os profissionais da agulha e da tesoura conversarem sem serem entendidos pelos circunstantes. E tão associada estava a estranha maneira de falar com a profissão que, até há pouco tempo, qualquer alfaiate ou simples aprendiz de alfaiate que se prezasse falava corretamente a *güinla*.

Essa alusão à data é interessante, necessária mesmo, porque temos sabido que, neste ou naquele lugar, também se fala a *güinla*. A propósito, devemos registrar o seguinte fato: quando *Almirante* trabalhava na *Rádio Nacional* e cuidava de organizar um dicionário de gíria, mandamos-lhe algum material no qual incluímos uma carta inteiramente escrita na *güinla*. Mais tarde, indo ao Rio, avistamo-nos com aquele grande artista, com quem conversamos. No bate-papo que mantivemos, o Almirante nos informou de que o *Edu da gaita* que, naquele tempo, atuava na *Mayrink*, sabia falar essa língua tão estranha. Mencionamos a informação a alguns amigos aqui em Lavras, entre os quais o Dr. Sílvio Menicucci, que, rindo muito, nos disse que decerto que o Edu tinha de conhecer a *güinla*, pois a aprendera com os estudantes lavrenses que moravam com ele numa pensão da rua Correia Dutra...

Esta linguagem, que não sabemos bem se é gíria ou folclore, é falada por muitos lavrenses e, entre estes, havia até os clássicos. Consiste essa linguagem na troca de sílabas ou, às vezes, simplesmente de letras e aqui poderemos referir alguns exemplos que apontamos aos alunos do Instituto Gammon, numa palestra que ali fizemos a respeito de gíria: Lavras, por exemplo, é *Vralas*, escola é *esloca*, Gammon é *Mângon* e assim por diante. E língua é *güinla*. *Çovê lafa a güinla? É túimo çáfil:* Você fala a língua? É muito fácil. *O elecente çoprefor id torpusêgue eq çovês entem basse lafar túimo emb tesa güinla corpê, duanqo nemino, ôife adrempiz id altaiafe.* Entenderam ou está mais difícil do que o Latim que o mesmo professor Roberto lhes ensina tão bem? Pois a frase é simplesmente esta: O excelente professor de Português que vocês têm sabe falar muito bem esta língua porque, quando menino, foi aprendiz de alfaiate.

Não tendo regras *(isse léa vitesse grerras uê ia zafer uma magrática)*, senão a do ouvido, a *güinla* tinha uma espécie de hierarquia, pois havia os clássicos ou catedráticos, os últimos dos quais, se não nos enganamos, eram os nossos saudosos amigos Juca Venerando e Augusto Carvalho, o *Cuja Neverando e o Autusgo Varcalho*, que, na *güinla*, ligavam duas ou três palavras, tornando a sua linguagem ininteligível até mesmo para os iniciados no "dialeto dos alfaiates."

E como a lei básica da *güinla* é o ouvido, devemos referir-nos a um curioso fato ocorrido quando ainda existia o Hotel Moreira. O nosso tio Urbino e o nosso mano Tomé discutiam, certa vez, a pronúncia certa da palavra atenção, na *güinla* ou *güinlagem*. Um deles afirmava que se deveria dizer *acentão*, enquanto o outro sustentava a pronúncia *ateãoce*. No auge da discussão, um deles resolveu chamar um juiz para esclarecer a questão, dizendo: "Chame o Zezinho do Cascalho para você ver." O Zezinho era um pretinho de seus dez ou doze anos, que morava na rua do Cascalho, uma espécie de favela local, mas era autoridade no assunto...

Dissemos, linhas atrás, que não sabemos se a *güinlagem* é gíria ou folclore e este artigo visa, exatamente, obter das autoridades que se reunirão no Congresso Brasileiro de Folclore, a realizar-se na Baía, em julho próximo, uma palavra sobre o assunto ou um esclarecimento deles para a nossa dúvida, pois, infelizmente, não poderemos lá comparecer, apesar de convocado. Como o Almirante nos informasse de que a *güinla* não é gíria, estamos inclinados a supor que se trate de assunto folclórico, mesmo porque, dentro dessa língua, há termos de gíria. Tomemos, para exemplo, o *dimaquinço*. Havia em Lavras um facadista inveterado, um autêntico *fumista* (gíria local), que abordava as suas vítimas com esta frase: *De má quinço?* Ora, *de má quinço*, na linguagem comum, nada mais é do que: Me dá cinco? Corretamente, significa: Empresta-me cinco? Como nem todos costumavam atender-lhe aos pedidos, o nosso herói saía-se com esta: o *dimaquinço* está escassíssimo! Daí surgiu o *dimaquinço* com sinônimo de dinheiro ou gaita.

A *güinla* apresenta diversas curiosidades e adapta-se às necessidades ou conveniências da conversa. Veja-se o caso da despedida: até logo. Teríamos, na *güinla*, *aét* para até e *golo* para logo; mas, entre dois bons *güinlistas* ou *güintislas*, a prática entra em ação e o até logo se transforma em *aletogo*...

Foi até bom lembrar-nos dessa despedida, pois já é tempo de deixarmos os leitores em paz, já que a citação das curiosidades exigiria muito espaço. E isso não aproveitaria a ninguém e muito menos aos congressistas, *eq áj entem túimo tamerial rapa esduto e id enq requemos anempas mua lapavra brôce o atunço.*

Endenteram?

E.T. — Este artigo foi escrito em junho de 1957 e publicado em "A Gazeta", de 20 de julho do mesmo ano. De lá para cá desapareceram alguns *lafadores ad güinla*. Preocupado com isso, tenho ensinado o dialeto a alguns amigos, como o Tatá, da Padaria S. Jorge e, mais recentemente, a um dos meus netos, o *Çarmelo*, em B. Horizonte.

E por falar em Belo Horizonte, lá recebi este bilhete do *Etasro* (Erasto Emrich):

Vralas, zôde id atosgo id ilm vonecentos e tessenta e quinço.

Aguimo Ib:

Záte romendo túima tenge nhoquecida áne reta zud iêpes, tendro id um zêime:

Vilsio Goneira
Rámio Varcalho
Oãoj Trobel
Arémico Drangue
Chaúgo
Zagiel Zerrende (çono r e q u i d o Jacu)

Manvos arramar as çalcas.

Açabros.

Etasro.

E.T. — Traduzir e explicar que não é pilhéria, mas carinho puro, à antiga.

Nota do editor — Vejam como é importante a *güinla*. O Erasto tem razão. A sua comunicação ganha mais expressão vasada numa linguagem cujos cultores vão desaparecendo e cuja ausência nos enche de mágoa e de saudade.

V. entende isso?

(Aqui estão uns poucos termos de gíria, alguns ainda em uso e outros que tiveram grande divulgação em Lavras.)

AJUDAR O BENTO — Vadiar. Enrolar o tempo.

AR-GUM — Dúvida. V. fez isso ar-gum? Em Lavras, houve uma variação, por causa do nome de um querido e saudoso cidadão.

BATER NA PORTA DA COLETORIA — Lamber embira. Estar a pão e mexirica.

CACUNDA — Abono. Aval. V. quer me cacundar?

CANGAR GRILOS — Vadiar. Cozinhar o galo. Mona.

CANJA — Bordel. Coisa fácil de se fazer: isto é canja.

COMER PERU — Falta de cotação de uma moça num baile. Fulana comeu peru a noite toda.

CORROSIVO — Uma das muitas variações de cachaça.

CARIÁ — Jeca. Caipira.

DAR COM OS BURROS NÁGUA — Encravar. Encontrar dificuldade.

ESTAR NO RUIM — "Fulano está batendo na porta da coletoria."

DIMAQUINÇO — Dinheiro (Veja o artigo Güinla).

EXIBIR OS LADRILHOS — Rir.

FUMISTA — Tapeador. Embromador (Veja crônica em outro local).

GANÇA — Toco de cigarro.

GOGÓ — Prosa. Falador. Fulano tem um gogó danado.

LATA — Táboa. Levar o fora, levar a táboa. Fulana deu a lata no beltrano.

LAVAR A ÉGUA — Lavar a pichorra. Ser bem sucedido.

LAVAR CACHORRO SEM SABÃO — Encher linguiça. Vadiar.

GOIABA — Barganha. Troca.

MAFUÁ — Designação pejorativa dos parques de diversões que percorrem o interior.

Ô BORESCA — Expressão de desafogo. Ô boresca! acabei o serviço!

PÉ GRANDE — Cariá. Jeca. Caipira.

PIRAR — Enquiabar. Roer a corda. Fugir a um compromisso.

QUEBRAR A BOCA NO CIMENTO — Ser mal sucedido.

SERRA DA CANASTRA — Antiguidade. Isto é velho como a...

SERRAR — Filar. Explorar.

ZÉ BIQUINHA — Antigamente. Variação local de Serra da Canastra.

'Quem gosta de bicudo é arroz em casca'

Gol a cavalo

Em 27 de novembro de 1938, escrevi para "A Gazeta" a seguinte nota:

"A nota cômica — e nem por isso menos sensacional — do jogo foi proporcionada pela marcação do gol de desempate.

Numa carga dos olímpicos, o atacante Léo, ao cabecear a bola foi surpreendido pelo guardião Emílio que, no lance, montou aquele atacante, segurando a pelota à altura da cabeça deste. Como o juiz nada tivesse apitado — e, no caso, ele só poderia apitar falta contra o goleiro, pois a jogada de Léo fora anterior à de Emílio — o guardião do Fabril, achando boa a montaria, continuou na pitoresca posição, fazendo visagem. A assistência ficou em suspenso, sem saber o que resultaria daquele lance. Foi quando Léo, macaco velho, teve a notável presença de espírito de conduzir, calmamente, o goleiro para dentro de meta... Quando o goleiro do Fabril deu pela história, abandonando a cavalgadura — que até ali estava achando tão boa — já era tarde... A bola já havia transposto a linha de gol...

E foi assim que, pela primeira vez na história do futebol lavrense, quiçá brasileiro, foi consignado um gol... a cavalo!"

Nota: Mandei a notícia para diversos jornais e alguns deles adulteraram a nota original, que está em meu arquivo. Lembra-me que "A Noite Ilustrada" deu ampla publicidade ao fato, com uma ilustração feita por um bom desenhista da época.

Um Dicionário

A enorme expectativa em torno do lançamento do Dicionário de Mestre Aurélio — Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira — ficou muito aquém do êxito alcançado pela grande obra, cuja primeira edição de 100.000 exemplares se esgotou em poucos dias. E, por isso, o editor não pôde adquirir o seu exemplar, que seria de grande valia para o trabalho desta edição, uma vez que o Mestre Aurélio, como o demonstrou na supervisão do Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, deu uma nova dimensão a esta obra de consulta, incorporando-lhe centenas de vocábulos, inclusive brasileirismos e palavras e expressões estrangeiras de livre curso na nossa linguagem.

Se ele já fazia isso, como coautor e supervisor de um dicionário que não era seu, imagine-se o que ele fez no "Novo Dicionário de Aurélio", liderando uma equipe de especialistas nos mais diversos setores.

O resultado foi o que se viu. Um grande dicionário em todos os sentidos. No formato e no número de páginas e com esta grande vantagem: graças ao papel empregado e ao tipo de letra utilizado, tudo isso é condensado num só volume, afastando o inconveniente de se compulsar dois, três ou às vezes quatro volumes para se fazer uma pesquisa.

Espero que, na próxima edição de "Acrópole", eu já possa ter ao lado da máquina esse manancial tão vivo de uma coisa tão viva como a língua que se fala e se escreve.

Pa...vão!

Joaquim Caetano da Costa foi um marchante, especializado em suínos.

Dono de um grande coração, dir-se-ia que o seu progresso no comércio a que se dedicava nunca foi alcançado exatamente por causa da grandeza daquele coração, que se extravasa a troco de qualquer coisinha, manifestando-se naquele rompante de voz e naquela riqueza de gestos que todos conheciam.

E quem quiser revê-lo é só ver e ouvir o seu filho Paulinho, o maior imitador que eu conheço, pois, além da voz e dos gestos, tem a invulgar capacidade de guardar os assuntos prediletos de cada pessoa imitada.

Vou tentar reconstituir uma cena, ocorrida com seu pai, que gostava de fazer uma fezinha e que, certa feita, carregou a mão no gato em virtude de um sonho que tivera:

— Olhe, Paulinho, o bicho apareceu na minha frente, com olhos arregalados e cara de poucos amigos, e eu o espantei. Não adiantou. Voltou mais ameaçador. Tomei atitudes mais enérgicas, mas — qual! — cada atitude de minha parecia aumentar a fúria do bicho.

A narração segue nesse tom, por minutos seguidos até chegar ao final:

— Não aguentei mais; recolhi as forças e dei-lhe um bofetão, atirando-o pela vidraça.

— E como é que foi, deu o bicho?

— Aí é que está o meu desgosto: o sonho me havia dado todas as dicas e eu não as entendi. Deu pavão!

— ?

— Você não entendeu? Eu também não entendi. Como eu sou burro, gente; o sonho foi batata e eu, feito bobo, carreguei no gato. Pois é claro como água: na hora que dei o bofetão, que som eu ouvi? Não foi um pá? E quando o bicho passou pela vidraça não fez um vão? Entendeu? Um pá com um vão que é que dá? Não é pavão?

Folclore Gammonense

A MERENDA

O Instituto Gammon é quase malungo de Lavras. Esta foi elevada à categoria de cidade em 1868 e o Gammon foi fundado em 1869, em Campins, SP, e transferido para aqui em 1893.

Por isso, o colégio faz parte da vida da cidade, e o que é dele é nosso.

Assim como bem nosso é o Prof. Sinval Silva, um dos homens de maior vivacidade de espírito que conhecemos. Poderíamos alinhar dezenas de demonstrações dessa vivacidade, mesmo agora, quando já ultrapassou os 80.

Defendendo-se da pequena estatura, diz, apontando a testa: a altura de uma pessoa se mede daqui para cima...

No ano passado, quando fomos a Brasília para participarmos de um jantar promovido pela colônia gammonense em sua homenagem, respondeu ao Roberto Venerando que lhe perguntara se ele havia chegado naquele dia ou na véspera: Ontem e hoje, pois sai de Belo Horizonte às 22 horas de ontem e cheguei aqui às 9 horas da manhã...

Quando o Embaixador Negrão de Lima veio paraninfar uma turma da ESAL, a cuja congregação pertencia o Prof. Sinval, este, indicado para saudar o paraninfo, declarou que não encontrava explicação para a indicação, mas, depois de raciocinar bastante, descobriu o motivo: através da matemática, de que era professor, chegou à conclusão de que, entre todos os membros da congregação, era ele o que tinha o cérebro mais perto do coração...

Sendo o professor de menor estatura — pois ele mesmo costuma dizer: "Quando eu era criança, já não direi pequeno..." — teria de ser, forçosamente, aquele que tinha o cérebro mais perto do coração. O auditório não pegou logo a coisa, mas o paraninfo e alguns membros da mesa não contiveram o riso, que se propagou rapidamente, pois a piada fora mesmo muito fina.

Esta passagem, que ficou famosa, retrata a sua presença de espírito: como Diretor do Ginásio, foi chamado, certa vez, pelos idos de 1920, pelo Prof. Charles Noguéres, que, muito nervoso, o informara de que havia encontrado um feixe de capim na gaveta de sua mesa, ali deixado ou colocado pelos alunos. Chegando à sala, o Prof. Sinval prolongou por alguns instantes o silêncio que se fizera à sua chegada. Calma e pachorrentamente, encarou a turma, a quem falou: Eu estou só imaginando qual de vocês esqueceu a merenda aqui...

É LISA?

Apesar de haver ganho foros de veracidade, o fato não passa de anedota, aliás muito bem bolada.

Um laranjeiro, depois de oferecer o produto do seu comércio aos alunos e a alguns outros moradores da chácara do Instituto Gammon, bateu à porta do Reitor, Dr. Lawrence Calhoun, a quem fez o clássico oferecimento:

— O Sr. quer comprar laranja?

O possível comprador (que, em inglês, usaria a pronúncia Eláisa) — e aqui entraria a invencionice — chama pela mulher: Elisa!

O vendedor, entendendo que o futuro comprador desejava saber a qualidade da laranja, responde prontamente:

— Não é lisa, não Sr.; é parnásia!

O açúcar de Pernambuco

Há muitos anos, no antigo Ginásio de Lavras, numa das sessões do Retiro Literário e Recreativo, travou-se um debate entre um paulista e um nordestino, que foram escolhidos a dedo.

O paulista, jactancioso, valendo-se da frase, já em voga, de que "S. Paulo era uma locomotiva arrancando vinte vagões", discorreu, longa e fluentemente, sobre a riqueza do seu Estado, baseada, naquela época, nos cafezais que se estendiam pelo Planalto de Piratininga.

Era inverno. O nordestino — o nosso saudoso amigo Francisco Abdon da Nóbrega, que morria de amores por Lavras, pelo Instituto Gammon e pela ESAL, pela qual se diplomara em 1917 — metido num enorme sobretudo, começou a sua defesa humildemente:

— Concordo com o ilustre colega, com a informação de que S. Paulo é o Estado líder da Federação e que o café é o responsável por essa liderança. Concordo perfeitamente com a informação de que o café é, de fato, a "preciosa rubiácea", mas o caso é que na minha terra nós somos práticos e gostamos de dar as provas. Por isso, permita-me o nobre colega que eu faça uma demonstração perante este seleto auditório.

Tirando do sobretudo uma cafeteira e uma xícara, encheu-a de café e pediu que o paulista o sorvesse...

A cara do adversário revelava que o sabor não lhe sabia bem.

O nordestino tira do outro bolso um açucareiro e, adoçando o café servido noutra xícara, ganhou o debate ao encerrá-lo assim:

— Que adianta o café de S. Paulo sem o açúcar de Pér... nam...bu...co!

Nem para o H?

O "Gol a cavalo" leva-me a divulgar outro fato, que também noticiei em primeira mão.

No ano passado, o saudoso cronista Paulo Pappini publicou um tópico em sua seção no "Diário da Tarde", de B. Horizonte, sem detalhar o fato e nem mencionar-lhe a origem, que foi em Lavras, como o provam uma foto que tenho em meu arquivo e este trecho de uma crônica que escrevi na ocasião:

Veja-se, por exemplo, o caso que vou contar, caso verídico, acontecido, que foi até fotografado por um amigo meu, o Jairo Alvarenga: um dos Bancos (o Crédito Real) que têm agência nesta praça resolveu construir uma sede nova, demolindo a antiga. E, no terreno, a firma encarregada da construção colocou um tapume tão bem feito que chegou a escandalizar alguns pães-duros locais, que já choraram, aliás, a demolição do velho prédio, tão sólido. Estando a cargo do Departamento de Engenharia do Banco, a obra foi confiada a uma firma de Belo Horizonte. Além do tapume, que despertara tanto comentário, o encarregado resolveu apresentar outras inovações ou, pelo menos, uma; e por isso mandou afixar no tapume este aviso: NÃO a VAGA.

O azinho sem h, espremido entre NÃO e VAGA, vinha causando espécie, até que um dia um popular, passando por ali a desoras, não resistiu à manifestação de sua ironia e escreveu, a giz, na frente do aviso: NEM PRO H?

Assim, o aviso aparece, agora, da seguinte forma:

NÃO a VAGA. NEM PRO H?...

Dá choque!

Lavras — que também possuía uma linha de bondes, inaugurada em 1911 — foi uma das primeiras cidades do interior a desfrutar dos benefícios da energia elétrica, que foi inaugurada, pomposamente, nos idos de 1909.

Como não podia deixar de ser, houve notas pitorescas como aquela em que alguns populares, vendo as luzes se acenderem na distribuidora, dirigiram-se, correndo, a outras ruas para verificarem se acenderam também ali...

Mas a nota mais pitoresca consta de um boletim, que, segundo a "Folha de Lavras", de 25 de julho de 1909, foi profusamente distribuído e que estava vasado nos seguintes termos:

"Inaugurando-se hoje o serviço de força e luz elétrica, o fiscal da cidade previne a todos do perigo em tocar nos fios descobertos que vêm da Usina e se distribuem pelas ruas. O perigo não está somente em tocar nos fios com as mãos, mas também indiretamente com qualquer objeto."

a) Affonso de Mesquita

Árvore dos Peixes

Em suas edições de abril e maio de 1904, "O Incentivo", bisemanário que se editou em Lavras, publicou, sem título, a seguinte nota:

"Há dias o Sr. Juvêncio Batista Pena comprou uma mandijuba e depois de limpa atirou com a ova do peixe para cima de uma pequena árvore de gengibre do seu quintal. Qual não foi a sua admiração, dias depois, ao ver que as folhas da mesma árvore achavam-se crivadas de uma quantidade enorme de peixinhos!

O Sr. Juvêncio recolheu-os a um vaso com água e tem o cuidado de todos os dias renová-la, notando que dia a dia o seu viveiro vai se tornando pequeno para os peixinhos que crescem consideravelmente. É curioso."

N. da R. — **Com vistas aos estudiosos que acreditam na fecundação depois da desova.**

Vírgula,

ponto e vírgula,

dois pontos e

ponto.

Dentro do folclore de Lavras

há uma outra pontuação:

um BAR onde os amigos

fazem PONTO.

E ponto final.

Com conforto e elegância...

Na década de 30, o Juca Procópio e o Wilson Rodarte, que eram comerciantes, resolveram fazer uma sociedade para a exploração de uma empresa funerária, que divulgou, em "A Gazeta", este anúncio:

QUEM desejar ser enterrado,
com conforto e elegância,
e por PREÇOS MÓDICOS
Procure a
EMPRESA FUNERÁRIA
de
RODARTE & ALVARENGA
Atendemos a qualquer
hora da noite

(Quando a sociedade se desfez e passou a ser uma seção da Casa Juca Procópio, os amigos do Juca costumavam brincar com ele: Já que o José Marcos é médico, mande o Jorge estudar Farmácia e deixa o resto por conta do Jairo. O Zé Marcos dá a receita, o Jorge a prepara e o Jairo, que vai ser advogado, despacha a vítima com conforto e elegância...)

Aqui jaz...

Quando saiu o anúncio da Empresa Funerária, o João Roquini ainda era vivo, mas, a despeito de tantas vantagens, preferiu enterrar-se por conta própria.

Muito antes de morrer, aos 83 anos, o João Roquini teve uma idéia original: mandou construir o seu túmulo, que costumava visitar para ver como estava o futuro aposento do seu cadáver.

Dizem que a singular idéia do Roquini, antecipando providências geralmente posteriores à morte, tinha como justificativa o fato de desejar proteger a esposa, poupando-lhe, ainda, inúmeros trabalhos.

Sua confiança em que morreria antes era tão grande que chegou a mandar fazer o caixão. Chegam a afirmar que ele comprou até a coroa!

Hoje, quem visitar o cemitério, lerá sobre o túmulo onde repousa o Roquini o seguinte epitáfio:

AQUI JAZ JOÃO ROQUINI
* em 1883
† em 1936

Mas, antes do evento que entristeceu a cidade, pois o Roquini era uma figura popular, dono de alma boa e espírito alegre, devia-se ler, em vez de epitáfio, o seguinte epigrama:

— Aqui jaz...
— Jaz quem?
— Não jaz;
jaz ninguém...

Saibam os lavrenses:

Acrópole

está sendo solicitada por muita gente, através de cartas ao editor.